

**J. H.
Santos
Barros**

**Alexandrina,
como era**

Todos os Poemas

PLURAL



**J. H.
Santos
Barros
Alexandrina,
como era**

Todos os Poemas

PREFÁCIO

por António Lobo Antunes

Este livro organizado por Jorge Reis-Sá e que junta a obra completa de J. H. Santos Barros é na minha opinião um trabalho inovador e exemplar. Em lugar de apresentar-nos o que se considera, num juízo sempre discutível, o que o organizador considera o melhor que o artista deixou, Jorge Reis-Sá opta, corajosamente, por publicar tudo o que existe do trabalho do Poeta e fá-lo com respeito, amor e muita sensibilidade. Pela primeira vez, e após um prefácio clarificador e inteligente, Jorge Reis-Sá oferece-nos toda a Poesia de J. H. Santos Barros, desde os seus juvenis trabalhos, necessariamente imperfeitos e ingénuos, até aos últimos versos, de muito melhor qualidade e alguns mesmo magníficos. Que eu saiba nunca se tinha feito isto: acompanhar corajosamente um criador do início ao fim do seu trabalho, permitindo-nos desse modo acompanhar a Poesia toda do Poeta, entender melhor o seu percurso, compreender as suas veredas, conseguindo um livro pioneiro. E assim encontramos o menino, o rapaz e o homem que ele foi e nos deixou,

«NAS VERTENTES DAS ILHAS MAIS ESCONDIDAS DO SOL»

Nota à edição por Jorge Reis-Sá

1. Nascido em Angra do Heroísmo em 1946, José Henrique dos Santos Barros nunca saiu dos Açores — mesmo que tenha vindo viver nos anos 70 para Lisboa, primeiro, e para Grândola, depois. Não é, portanto, de estranhar que o seu primeiro livro se chame *Novíssima Poesia Açoriana*, e que os últimos poemas inéditos, encontrados no espólio a que tivemos acesso, tenham como título «Nas vertentes das ilhas» e «Albafar», por exemplo.

2. Antes da sua morte tão precoce, a 20 de maio de 1983, num acidente de viação em Espanha, Santos Barros cumpria um percurso nitidamente ascendente em termos qualitativos, onde a voz insular se acrescentava à dor da guerra colonial vivida na primeira pessoa e a um quotidiano que, se hoje tão cristalizado em nomes da época como Ruy Belo ou Joaquim Manuel Magalhães, nos apresentava caminhos novos que só o tempo poderia indicar a que «outros lugares e nomes» nos levariam.

NÃO VÊS DULCE

Não vês que a minha solidão não é uma fantasia
Não vês que me quebras os ossos com o teu olhar gelado
Sim olha os aviões rasgam o céu
E aquele rapaz chora na noite cheia de Sol
Ah Dulce não não me fales de Amor
O Amor é
Um cavalo
A dar coices na Lua

AQUI DEVE TER MORRIDO O PINTOR

Pensava o pintor ao morrer que as ilhas se uniriam ao redor do caixão, e esse seria o começo da Sagrada União do Arquipélago Açoriano.

Pelo contrário: fartas de parir vulcões e tremerem os seios do oceano, as ilhas começaram a discutir a posse plástica do seu espólio. E foi-lhes agradável a sua mútua destruição.

Depois, montados em caranguejos, vieram os pescadores corpo a corpo com os lavradores. De novo pintaram grutas.

Riram-se da ingenuidade de uma inscrição num ilhéu recém-formado — AQUI DEVE TER MORRIDO O PINTOR, ANTES DA ÚLTIMA DOR DAS ILHAS. Foi o primeiro sinal de alegria no arquipélago novo.

A parva da morte! Lá está ela pairando sobre as ondas em forma de cachalote. Arpoado, conseguiu reunir forças e levar o bote até tão longe, tão longe, que não tiveram outro remédio os baleeiros senão o corte da corda, para fazer cessar uma viagem enlouquecida.

Que proveito para o bicho? E quantas horas de doer?

Se ao menos tivesse o supremo gozo de conhecer a frustração dos homens...

Num dia de muito vento. Vozes correndo sobre a pouca areia. O mar aos coices. Gaivotas nem vê-las; que não se veem. Experimentei falar aos peixes — o sermão do santo é muito popular na ilha; porém ninguém sabe do Padre Vieira — por antijesuitismo! que sei eu. O quinto império, supúnhamos, mera construção literária a que Fernando Pessoa deu o toque final. Genial. Que tenha atravessado os tempos, que me importa. O que me preocupa é ter naufragado e ter-me acolhido a um ilhéu inóspito. Podia ser pior, pois podia. Por enquanto ainda consigo preencher o branco do papel com referências culturais. Vocês hão de achar isto interessante. Talvez um pouco fora de moda.

E dirijo a palavra aos peixes. Desconfio que me ouvem e acham o discurso brincadeira sem consequências. E eu, querendo-o tão a sério! Fulminante. Para que me respeitassem. Para que na alvorada do mar de mim alguma coisa testemunhasse. E como tudo é mudo leveda o medo. Levasse-o o vento! Mas não. Estas vozes sabem que tenho febre e delírio, não se afastam. Esperam testemunhar a minha fraqueza final. Hidrofílico.

PÁSSAROS

Eu não sei o nome destes pássaros que viajam alto.
Anjos? Não. Ouve-se-lhes bater o coração.

Os nazis distribuíam sopa aos pobres
(vejo na tv como quem diz «nem tudo foi mau»)
Revejo-me numa foto de 70
dando sopa aos pobres de Cangombe. — «Tu és nazi,
pergunto?»

Não te compete a ti explicares-te, rapaz
sobretudo quando escreves versos
e pensas que em qualquer caso vale sempre a pena
adiar um pouco mais a morte.
E nem nunca mesmo ninguém explicou se um império que morre
morre de imortalidade ou de morte natural.

Tranquiliza-te: a besta que és
tu a suportas cada vez menos. Isso é bom, tão sério sendo?

OFÍCIO DAS TREVAS

Não se costuma chorar a morte dos poetas?

Chorarei eu a morte de Jacques Brel.
Graças à vida que ainda tenho.
Assolado por um imenso temporal magnético
dei à costa dos 33 r. p. m. quando
já não tinha direito para o consumo.
Lixo, lixo — cabia tudo nos ouvidos:
O show-business, o disco-sound — salsichas
caligráficas alimentavam-me a vontade de ouvir
escrevendo a morte na voragem do século. Plastificada.
A voz dele gravava a vida possível, os sons
derradeiros. Pressentia os nervos da garganta
a darem — melodicamente — o berro.
O poeta inflamava a solidão do auditório
e deste ouvido francófono num lado muito extremo
dos pirenéus. Graças à vida que ainda tenho, verticalmente
assumo a tecnologia. Uns pós miraculosos
(as vozes do poeta) capazes são de orquestrar
a deslumbrada solidão dos seres.
Eu ouço Brel bem morto. Possível
que vocês o ouçam também altivamente.
Passarinhos, florinhas, alminhas tristes —
um ciclone sacoleja o pó dos séculos depositado
nos altares da vergonha que somos.
Estendo o fio a fita a cassete
com a voz de Brel, e embrulho nele o músculo do

J. H. SANTOS BARROS, POETA

por Urbano Bettencourt

Uma hipótese: centrar o discurso na intervenção cultural de J. H. Santos Barros na imprensa dos Açores (antes e depois de 1974), de que o rasto mais visível será detetável nos suplementos «Glacial» e «Cartaz», em Angra, e «Contexto», em Ponta Delgada (e coordenado já à distância, de Lisboa); para ser perfeitamente abrangedora, ela devia incluir ainda outros campos de intervenção direta, na dinamização artística e cívica. Outra hipótese: evocar, já em gesto muito mais próximo e íntimo, aquele *tempo de Lisboa*, na segunda metade da década de 1970 e até ao funesto maio de 1983 — e aqui começaria por afirmar como me foi fundamental o reencontro com o Santos Barros em 1976, numa Lisboa que se tornara, por essa altura, a nossa cidade, para me deter depois nas cumplicidades várias que nos levaram a projetos editoriais (a revista *A Memória da Água-Viva*, a coleção de poesia «Garajau») e a outras formas de ação que contribuíram para afirmar, em Lisboa, a realidade cultural açoriana — cumplicidades suportadas por uma

Comandado de terra adormeco nas águas.
De minha vida a pátria minha obedecida
ditas minhas de descer e subir no mar
o em estranho continente perseverando
a esperança. A dor desabita-me.

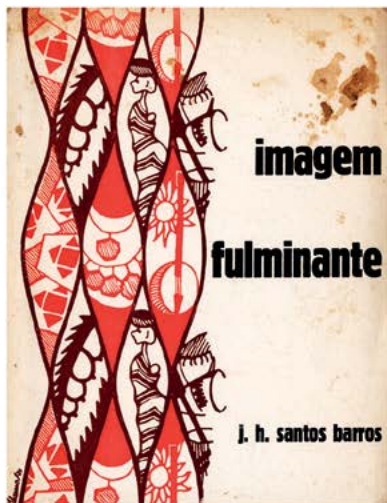
Os mortos deslocam-se para leste.
Que finalidade no movimento? Lesão isto
e não acreditasse nas vertiginosas mudanças
da Visão. Dizias: um corpo morre
no seu doutro corpo, morre
definitivamente. Já se sabia: os corpos
endurecem em arco. E em gesto e mais nada.

É mortal a dureza da pedra.
Memoriza agora os seus sinais.

Luclito / 77

faz parte do conjunto NOVAS
VISOES DA ILHA. Por lapso, não foi
incluído.

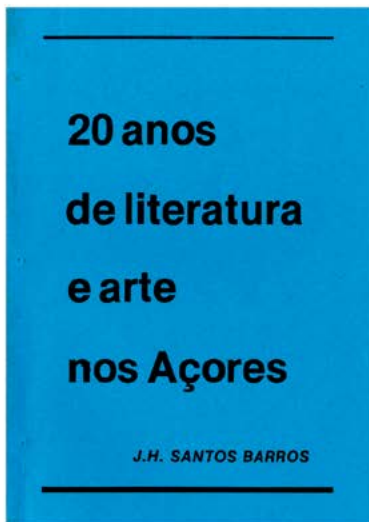
Dactiloscrito do poema «[Comandado de terra adormeco nas águas]», datado de 1977 e com a indicação manuscrita do conjunto onde se deveria inserir: «faz parte do conjunto NOVAS VISOES DA ILHA. Por lapso, não foi incluído.»



Capa do livro *Imagem Fulminante*,
Galeria açoriana de arte «Gávea», 1971



Capa do livro *Ilhas*, com Urbano
Bettencourt, onde se encontra
«A Catedral Iluminada», Edição
dos Autores, 1977



Capa do livro de ensaios
20 Anos de Literatura e Arte nos Açores,
Edição do Autor, 1977



Capa do livro *Os Alicates do Tempo*,
Afrontamento, 1979

ALEXANDRINA, COMO ERA
TODOS OS POEMAS
Coleção Plural

© Imprensa Nacional-Casa da Moeda
© Herdeiros de J. H. Santos Barros

Direção literária: Jorge Reis-Sá
Capa e *design* da coleção: André Letria
Revisão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Paginação: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Impressão e acabamentos: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Este livro foi composto em caracteres Minion Pro
e impresso em papel Coral Book Ivory de 90 g (miolo)
e Geltex 111LS Branco (capa)

ISBN: 978-972-27-2556-9
Depósito legal: 424 803/17
Código de edição: 1021759
1.ª edição: dezembro de 2018

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/impresnacional
prelo.incm.pt

«E assim encontramos o menino, o rapaz e o homem que ele foi e nos deixou, para o fim da sua vida, já em plena maturidade, as peças de primeira água pelas quais deverá ser julgado, quatro ou cinco que me atrevo a considerar de muito alta qualidade consoante me atrevo a pensar que resistirão ao tempo tanto quanto seja o que for resiste ao tempo porque a eternidade é curta mas sempre há uns anos mais compridos que outros. 'Fazer versos dói', 'Alexandrina, como era' e outros textos assim permanecerão, julgo eu, entre o melhor que a sua época produziu.»

É desta forma que António Lobo Antunes apresenta a obra de **J. H. Santos Barros**, poeta açoriano, nascido em Angra do Heroísmo em 1946 e que morreu precocemente, em 1983, num acidente de viação em Espanha. Depois de ter sobrevivido à Guerra Colonial, veio a fixar-se no continente, primeiro em Lisboa e depois em Grândola, onde foi construindo uma obra necessariamente incompleta, como incompleta acabou por ser a sua vida, de tão breve.

Neste volume reúne-se a sua poesia toda, num critério maximalista que, esperamos, pode fazer valer novas leituras e aproximações. Desde os seus primeiros livros, em edições de autor ou aparentadas, até aos da idade adulta (*Os Alicates do Tempo*, de 1979, e *S. Mateus, Outros Lugares e Nomes*, de 1981) e a um enorme conjunto de inéditos. A (re)descoberta de um poeta.